

# **PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE**

## **REVISITANDO OS DEBATES DOS ANOS DE 2006 A 2008,**

Marinice Souza Simon  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS  
marinice@santadoroteia-rs.com.br

Marília Costa Morosini  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS  
marilia.morosini@pucrs.br

**Resumo:** Ao observarmos o descompasso entre escola e sociedade, revelado por um intervalo muito acentuado entre demandas e possíveis soluções, parece-nos urgente uma reflexão que contemple os elementos que vêm contribuindo para a instalação da crise paradigmática na qual a escola e a sociedade se vêem imersas. Este artigo analisa as características do paradigma tradicional de educação e identifica fatores que determinam tal crise, contribuindo para a instalação de um novo paradigma educacional. Para tanto foi realizada uma revisão sistemática, com base em leitura flutuante, dos trabalhos publicados pela ANPEd no período de 2006 a 2008, em suas reuniões anuais. Depois de aprimorado o corpus de análise, iniciamos a sistematização dos conteúdos relacionados a velhos e novos paradigmas dentro da educação. No período examinado, salienta-se que, apenas 17 trabalhos abordam o tema em questão, com preferência para os grupos de trabalho da área de Educação Ambiental. As principais dimensões apresentadas abordam análise histórica, profissionais da educação, modernidade e pós-modernidade, a crise propriamente dita e o currículo como espaço vivo e projeto sócio-cultural. As referidas leituras apresentam subsídios para a formulação de um referencial teórico que poderá auxiliar no surgimento de novos movimentos que ensejem o enfrentamento de tal crise e de novas iniciativas para construção do paradigma educacional emergente.

Grupo de trabalho: Pedagogia, mídia e cultura contemporânea

Palavras-chave: paradigma tradicional - crise paradigmática- paradigma educacional emergente – ANPEd

## **1 INTRODUÇÃO**

Em meio a tantas novidades trazidas pelos avanços tecnológicos e pelas novas e aprimoradas formas de comunicação entre os diferentes países, dando ênfase a globalização, continuamos a apresentar uma escola que já não acompanha tais movimentos. Uma escola que ainda transita no paradigma tradicional de educação, o qual prioriza a fragmentação e a especialização das idéias e dos conteúdos veiculados no ambiente de ensino aprendizagem.

Ao observarmos este descompasso entre escola e sociedade, revelado por um intervalo muito acentuado entre demandas e possíveis soluções, parece-nos urgente uma reflexão que contemple todos os elementos que vêm contribuindo para a instalação da crise paradigmática na qual a escola e a sociedade se vêem imersas.

Na medida em que convivemos com um conjunto de problemas e questões em que as soluções já não se encontram no horizonte do determinado referencial utilizado é possível reconhecer uma situação de crise. Nesse contexto somos levados a concluir o quanto é necessária e urgente a ruptura do paradigma vigente.

É importante frisarmos a necessidade prévia de uma desconstrução, por meio de um olhar crítico reflexivo, das teorias da educação que patrocinaram ou patrocinam a prática segmentada presente na cultura pedagógica de nossas escolas.

Somente a partir desta análise criteriosa, entendemos poder iniciar o traçado de algumas diretrizes que julgarmos mais adequadas aos novos tempos educacionais.

Com o propósito de elucidar tais procedimentos, realizamos uma análise sistemática de trabalhos publicados pela **ANPEd**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, no período de 2006 a 2008, em suas reuniões anuais.

Na referida análise verificamos um crescimento significativo do interesse pelo tema ao longo dos anos examinados, com especial preferência pela abordagem ligada a crise paradigmática e a caracterização da Modernidade e da Pós-Modernidade, o que consideramos necessário para o embasamento de iniciativas concretas que corroborem com a ruptura do paradigma tradicional vigente na educação.

Outra constatação significativa diz respeito à maior incidência do tema no grupo de trabalho de educação ambiental, o que nos remete a importância do conceito de ecologia, como ciência das relações, dentro dos contextos educacionais, considerando natureza, meio ambiente e ser humano como integrantes de uma visão eco-sistêmica de mundo.

Neste panorama de iminente ruptura paradigmática, esperamos contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre o momento educacional, a fim de provocar reações pró-ativas de todos os envolvidos na realidade atual, investindo principalmente, na mudança da mentalidade docente, diante da multidimensionalidade do processo educativo.

## 2 A CRISE PARADIGMÁTICA

Ao observarmos o atual cotidiano escolar, construído sobre as bases do paradigma tradicional de educação, verificamos a expressão de um panorama organizado linearmente, em que o currículo se configura pela composição de compartimentos pertencentes às suas inúmeras disciplinas. É um xadrez em que as peças não estão interconectadas, apenas se apresentam lado a lado, quer horizontal ou verticalmente, desprezando prováveis relações ou interações.

Podemos afirmar que este quadro é bastante revelador do estado de acomodação institucional e docente no qual nos encontramos e que resulta na formação de crianças e jovens habituados a não reconhecer as interconexões presentes na vida e, por conseguinte, na escola. A essa clientela fornecemos uma visão segmentada, a qual por sua vez, é alimentada por informações ou noções estáticas, dirigidas ao intelecto, à memória e à razão daquele que é o educando. Em Alves e Garcia (2004, p. 25) encontramos a seguinte reflexão:

[...] quebrando, na medida de nossas possibilidades – sem dúvida alguma, sensivelmente limitadas pela burocracia escolar -, a compartmentalização

de que é vítima o nosso sistema educacional. Podemos tentar fazer de nossos currículos novos mapas, não mais marcados por territórios fragmentados, mas tentando ultrapassar fronteiras, vislumbrar novos territórios de integração entre os saberes.

Neste contexto conturbado, o qual não responde às demandas atuais, originárias de uma nova visão de mundo, a educação precisa assumir novos movimentos, debelando a crise paradigmática visível a todos, e, para que isto ocorra, a reforma paradigmática nos processos de construção e reorganização do conhecimento, adquire relevante urgência.

Encontramos na maioria dos trabalhos analisados nas **29<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup> e 31<sup>a</sup>** reuniões da **ANPED, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, referência à crise paradigmática instalada na ciência, no pensamento, no conhecimento e na educação, a qual perpassa o mundo contemporâneo.

Ante os conflitos e contradições que permeiam a referida crise, citamos o Grupo de Trabalho da Educação Ambiental – GT 22, da 30<sup>a</sup> Reunião da ANPED, Tristão (2007):

Acredito, como alguns autores, que não estamos vivendo momentos nem de ruptura nem de continuidade cronológica com o paradigma moderno ou pós-moderno. Estamos no movimento entre conflitos e contradições, entre um pensamento e outro, já que vivemos em ambos ruptura e continuidade. Alguns autores consideram que essa era já emerge como pós-moderna e é marcada pela imprevisibilidade, pela rapidez, pela realidade virtual, pela cultura televisiva e por uma linguagem imagética.

Por essa flagrante impossibilidade de explicação dos eventos atuais à luz do mecanismo determinista clássico, bem como pelos limites presentes nas perspectivas para o presente e para o futuro, encontramo-nos no advento do fim das certezas, evidenciando assim a propalada crise de paradigmas.

O panorama de inadequação aos novos tempos exige que rompamos com os modelos tradicionais de ensino-aprendizagem, possibilitando novas práticas que impulsionem os principais atores (professor-aluno) do processo rumo às mudanças necessárias, dando-lhes condições de reciprocidade diante dos desafios que marcam a sociedade pós-moderna. Estamos vivendo a urgência da instalação de um novo paradigma educacional que se faz necessário frente a uma outra visão de mundo, resultante de novos olhares sobre a paisagem emergente, que vive um momento de crise, exigindo novas posturas, mais integradoras, unitivas e abrangentes, respeitando a complexidade da realidade atual.

### 3 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Para fazer referência ou caracterizar a crise, analisando-a quanto a sua incorporação nas práticas pedagógicas, observamos, nos trabalhos estudados, a existência de uma descrição pormenorizada dos períodos da modernidade e da pós-modernidade.

A contextualização destes períodos se dá pela análise histórica, presente em cinco diferentes artigos pesquisados, com relatos da trajetória da educação formal no mundo e, em alguns escritos, no Brasil.

É interessante pontuar que a descrição de cada época histórica contribui para entendermos o quanto o sistema educacional é produto da cultura do meio

social ao qual está atrelado. A escola comparece na sociedade, ao longo do tempo, muito mais para ratificar e legitimar a cultura da classe dominante do que para transformar ou revolucionar estruturas que considere injustas ou inadequadas.

Por mais que os educadores sonhem em alterar práticas consideradas injustas e se coloquem a favor da transformação, é mínima a sua possibilidade de contestar em meio a um sistema do qual depende para sobreviver. Assim perpetuam o paradigma tradicional, impregnado do cartesianismo e que não mais atende suas necessidades, em nome de continuarem inseridos no mercado de trabalho.

O artigo do Grupo de Trabalho da Sociologia da Educação - GT 14 da 31<sup>a</sup> Reunião da ANPED, intitulado “A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum” oferece extensa e completa análise histórica da educação na mudança social, salientando a expansão contínua do sistema educacional e da economia de mercado com suas pressões diversas de sistemas ocupacionais, ocasionando ligações diretas entre as realizações educacionais, as oportunidades econômicas e a posição ocupacional. Tal exame nos auxilia a posicionar determinadas práticas pedagógicas que ao longo dos anos fazem parte de nossa história educacional.

Com relação ao currículo, encontramos ao longo dos anos, inúmeras referências no tocante a sua caracterização e conceituação. Predomina a afirmação de currículo como um espaço vivo de construção do conhecimento, viabilizado, em tempos pós-modernos, por um projeto sócio-cultural, contendo possibilidades de transformação da realidade. Contudo, notamos que nem sempre foi assim. Explicando melhor, citamos o Grupo de Trabalho da Educação Ambiental- GT 22 da 30<sup>a</sup> Reunião da ANPED, Bateson (1979):

as crianças sempre foram ensinadas, desde suas primeiras experiências escolares e até mesmo pré-escolares, a definir as coisas, que a cercam, por critérios puramente objetivos e estanques e não “através de sua relação com as outras coisas (apud BARCELOS, 2007, 1979, p. 25).

A falta de espaço para a subjetividade, a desvalorização dos processos intuitivos e o predomínio do racionalismo científico moldaram o pensamento humano durante séculos e hoje se contrapõe a necessidade de práticas pedagógicas que priorizem a visão de totalidade, uma nova ordem global para a própria mente humana.

Importantes considerações sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade também estão presentes nos textos quando o assunto é currículo, salientando a necessidade de uma maior abertura, dentro das grades curriculares, a fim de que as disciplinas dialoguem entre si, bem como vão além de seu objeto, conversando com o mundo e seus acontecimentos.

Novos ângulos de abordagem interdisciplinar são sugeridos no Grupo de Trabalho de currículo – GT 12 da 30<sup>a</sup> Reunião da ANPED, Castro (1996):

A interdisciplinaridade na construção do currículo deve ser olhada a partir de novos ângulos, análise e perspectivas que desmistifiquem o sentido homogêneo de sua apreensão por parte dos educandos, na produção de saberes, práticas e discursos que ao serem apropriados diferenciadamente, nos revela a produção dos conteúdos didatizados interdisciplinarmente (apud SANTOS, 2007).

No tocante a educação formal, observamos com freqüência, a abordagem de assuntos relacionados aos profissionais da educação, como posturas, pensares e práticas docentes no mundo moderno e pós-moderno, ensejando uma visão emancipatória, voltada para a mudança da informação em conhecimento e em consciência crítica. Ratificamos esta idéia com a citação presente no artigo do Grupo de Trabalho da Educação Ambiental, GT 22, da 31<sup>a</sup> Reunião da ANPED, Soares (2008):

A atividade docente, numa visão emancipadora, deve voltar-se para transformar a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas, principalmente, formar pessoas – cidadãs, construir comunidades de aprendizagem, desenvolver capacidade e compromisso, combater, pedagogicamente, muitos dos imensos problemas criados pela sociedade capitalista, tais como o consumismo excessivo, a perda da noção de comunidade e o distanciamento crescente entre as classes sociais.

Dos dezessete trabalhos analisados, seis artigos discorrem sobre os profissionais da educação, evidenciando relevância para a atuação docente dentro do contexto de virada paradigmática. Sobre isto transcrevemos Alves e Garcia (2004, p. 25) “Os professores podem ter uma participação extremamente importante no processo de romper com essa tradição alienante e superar essa contradição histórica entre o saber e a realidade”.

Trata-se de um contexto que abandona as certezas e passa a percorrer um caminho povoado por incertezas, no qual é essencial a contribuição do educador, mediante seus próprios valores, saberes e competências, que certamente influenciarão na construção do conhecimento de seus alunos, bem como na mediação pedagógica entre os conteúdos e a forma de expressão dos mesmos, por meio de experiências educativas enriquecedoras e significativas para todos os educandos.

Precisamos de educadores que se arrisque num mundo de incertezas. Morin (2001, p. 16) sublinha a necessidade de desenvolver a capacidade de aprender a lidar com imprevistos, a “[...] preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo. É necessário que todos se ocupem da educação e constituam a vanguarda ante a incerteza de novos tempos”.

Prosseguindo a análise, com o objetivo de elucidar paradigmas da filosofia, das teorias educacionais e suas perspectivas a partir do conceito de cultura, encontramos explicações esclarecedoras, mais especificamente, nos trabalhos da 29<sup>a</sup> Reunião, do Grupo de Trabalho Filosofia da Educação - GT 17, em que os paradigmas da filosofia são amplamente explorados paralelamente a abordagens referentes ao paradigma da educação de cada época mencionada. Neste aspecto, a escola, o professor e os conteúdos são explicitados com o propósito de um maior entendimento das bases da Pedagogia do Ocidente, da qual somos seguidores.

Vale dizer que o referido trabalho apresenta desafios básicos para o paradigma educacional que se corporifica na contemporaneidade, a saber:

- a) as reivindicações da pluralidade do conhecimento;
- b) os desafios da ética (e da bioética) da solidariedade ou da compaixão;
- c) a equalização das identidades pessoais e coletivas.

Diante de tais desafios somos levados a entender a importância de pensarmos a partir de horizontes alargados que possibilitem a inclusão de diferentes perspectivas.

#### 4 UM NOVO PARADIGMA EDUCACIONAL

É um novo Paradigma que vislumbramos dentro da realidade educacional atual com a acentuada evolução das idéias pedagógicas ocorridas num contexto que apresenta uma gama infinita de cenários marcados por vertiginosas inovações e aceleradas mudanças. Mostrando-nos que se torna imperativo um movimento de re-significação das posturas que já não atendem as demandas advindas de uma nova visão de sociedade e de mundo.

Falamos de uma renovação de conceitos e de métodos de educação em que as relações sejam o centro e o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades dos alunos, enfim evidenciem o objetivo maior. A título de corroborar com estas idéias citamos Yus (2002, p. 47):

[...] consideram como qualidades de uma nova pedagogia um senso de vocação, amor e cuidado com as crianças, um profundo senso de responsabilidade, intuição moral, abertura para a auto-crítica, maturidade mental, tato com a subjetividade da criança, uma inteligência interpretadora, uma compreensão pedagógica de suas necessidades, uma resolução improvisadora no trato com as pessoas jovens, uma paixão pelo conhecimento e pela aprendizagem dos mistérios do mundo, a fibra moral para aplicá-la a algo, uma certa compreensão do mundo, a esperança diante das crises predominantes e, não menos, humor e vitalidade.

Tais movimentos e diagnóstico da realidade estão presentes nos artigos examinados nas três Reuniões (29<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup>, 31<sup>a</sup>) da ANPED, que corrobora com a necessidade urgente de muita atenção para as novas idéias que surgem dentro da educação como decorrência das demandas da pós-modernidade, que busca o rompimento da era das dicotomias entre homem-natureza, matéria-espírito e objeto-sujeito. Estamos, portanto, num movimento entre conflitos e contradições, entre uma idéia e outra que deve nos levar, mesmo que na era das incertezas, para decisões urgentes que sirvam como base segura para mudanças necessárias.

É importante salientar que os artigos analisados se detêm muito mais num exame da realidade passada e presente, sem muita preocupação com a definição de condutas metodológicas acerca de procedimentos pedagógicos que venham a atender as demandas educativas do momento.

Não há um traçado claro que apresente a necessidade concreta de uma virada paradigmática, mas são fortes os indícios de que ela está por vir. A crítica aos velhos métodos herdados do paradigma cartesiano é constante e aponta para a busca de novas práticas, carregadas de um novo sentido; diverso daquele que prioriza a informação, o intelecto, o conteúdo, a especialização, a competição e tantos outros aspectos que viabilizam as bem conhecidas leis da causalidade e do determinismo.

Entre todos os GTs consultados, a maior incidência sobre o tema em questão - Velhos e Novos Paradigmas - observamos no grupo que se refere à Educação Ambiental, demonstrando o quanto é significativa a natureza para a vida humana. Tal idéia complementamos com o exposto pelo trabalho intitulado: "Da evolução da concepção de natureza e de homem na ambiência da educação ambiental crítica", no qual fica evidente que a educação, enquanto prática social,

deve derrubar a idéia do homem excluído da natureza, sendo aquele a externalidade desta e vice versa.

É neste contexto declarado de reencantamento da natureza, não com ênfase sobrenatural, mas sim como um projeto real de valorização visível de sua importância, que nos encontramos como educadores preocupados em formar pessoas-cidadãs, conscientes de seus papéis no mundo de hoje.

## 5 CATEGORIZANDO OS GTS 12, 13, 14, 17, 20 E 22 DA 29<sup>a</sup>, DA 30<sup>a</sup> E DA 31<sup>a</sup> REUNIÕES DA ANPED

Durante as leituras para o mapeamento da produção científica, emergiram três categorias e, a seguir abertas em sub-categorias, possibilitando a estruturação que segue:

### 1. EDUCAÇÃO

- 1.1 Análise Histórica
- 1.2 Profissionais da Educação

### 2. PARADIGMAS

- 2.1 Modernidade e Pós-Modernidade
- 2.2 Crise Paradigmática

### 3. CURRÍCULO

- 3.1 Espaço Vivo
- 3.2 Projeto Sócio-Cultural
- 3.3. Interdisciplinaridade/transdisciplinaridade.

No tocante aos resultantes do estudo de mapeamento, as categorias acima elencadas revelam-se quantitativamente de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1: Categorização dos GTS 12, 13, 14, 17, 20 e 22 no Período de 2006 a 2008

Categorias/ano-reunião anual	2006 (29 <sup>a</sup> )	2007 (30 <sup>a</sup> )	2008 (31 <sup>a</sup> )	Total

<b>1. EDUCAÇÃO</b>				
1.1 Análise Histórica	2		3	5
1.2 Profissionais da Educação	1	2	3	6
<b>2. PARADIGMAS</b>				
2.1 Modernidade e Pós-Modernidade	4	4	5	13
2.2 Crise Paradigmática	2	3	5	10
<b>3. CURRÍCULO</b>				
3.1 Espaço Vivo		3	2	5
3.2 Projeto Sócio-Cultural	1	3	4	8
3.3. Interdisciplinaridade/transdisciplinaridade	1	1		3
<b>Total</b>	11	16	22	

Fonte: O autor, 2009

Obs.: dados extraídos da ANPED, 2009

Referindo-se aos Grupos de Trabalho 12, 13, 14, 17, 20 e 22, foram produzidos no período de 2006<sup>a</sup> 2008, um total de 17 trabalhos analisados, seguindo um detalhamento no quadro abaixo:

Tabela 2: Produção dos GTs 12, 13, 14, 17, 20 e 22 das Reuniões 29<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup> e 31<sup>a</sup>.

ANO/GT	GT12 Currículo	GT13 Ed.fund.	GT14 Sociologia da Ed.	GT17 Filosofia da Ed.	GT20 Psicologia da Ed.	GT22 Ed. Ambiental	Ge 01* Arte e ED.	Total
2006 (29 <sup>a</sup> )	1			1		2		4
2007 (30 <sup>a</sup> )	2			1		2		5
2008 (31 <sup>a</sup> )	2	2	1		1	1	1	8
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>17</b>

Fonte: O autor, 2009

Obs.: dados extraídos da ANPED, 2009

Os estudos apresentados pelos investigadores analisaram experiências e produções no Brasil e na América Latina. Também mapeadas, foram os tipo de Instituições onde se produziram estas investigações. Federais, Estaduais, Privadas e outras, representadas pela Tabela que segue:

Tabela 3: de Instituições Participantes

Instituição/ano	2006 (29 <sup>a</sup> )	2007 (30 <sup>a</sup> )	2008 (31 <sup>a</sup> )
<b>1. Federal</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>2</b>
<b>2. Estadual</b>			<b>1</b>

<b>3. Privada</b>	<b>2</b>		<b>5</b>
OTAL			

Fonte: O autor, 2009

Obs.: dados extraídos da ANPED, 2009

Grande parte das pesquisas relatadas nas reuniões não especificou financiamento, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 4: Trabalhos sobre o tema Financiamento, Reuniões da ANPED, 2006 - 2008

INSTITUIÇÃO/ANO	2006 (29 <sup>a</sup> )	2007 (30 <sup>a</sup> )	2008 (31 <sup>a</sup> )
<b>1. CAPES</b>			<b>1</b>
<b>2. CNPq</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	
<b>3. CAPES e CNPq</b>		<b>1</b>	
<b>4. FAPESP</b>			<b>1</b>
<b>5. Sem Financiamento</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	
<b>6. Não especificado</b>			<b>6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>8</b>

Fonte: O autor, 2009

Obs.: dados extraídos da ANPED, 2009

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reuniões anuais da ANPEd, com destaque para os últimos três anos (2006 a 2008) iniciam um movimento significativo de reflexão voltada para a possível ruptura paradigmática dentro da educação.

Mediante os vários olhares dos diferentes pesquisadores analisados percebemos o enfrentamento da crise paradigmática como uma atitude a ser tomada por todos aqueles que compõem o universo educacional. É uma tarefa a ser assumida com seriedade e dedicação, principalmente pelos profissionais da educação que desempenham um papel importantíssimo como mediadores da construção do conhecimento.

É preciso derrubar o modelo tradicional que agora não atende as principais demandas contemporâneas. Um modelo que inibe a caminhada autoral daquele que aprende, inviabilizando a troca entre sujeito e objeto, empobrecendo assim uma aprendizagem espontânea e transformadora. Sobre características desse modelo citamos Moraes (2004, p.165):

[...] um dos problemas de nossa educação atual é que ela valoriza muito os processos racionais e pouco os processos intuitivos, artísticos e criativos. Pior ainda, é uma educação castradora, inibidora desses processos, a partir do momento em que faz com que as crianças se sintam sem jeito, sem talento, incapazes de resolver problemas ou desenvolverem habilidades criativas em sala de aula.

Percebemos, principalmente naqueles trabalhos que realizam uma análise histórica da educação, o quanto se torna inadequado o paradigma moderno ao propor um conhecimento linear que despreza a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não-linear.

Essas abordagens ratificam a necessidade urgente de, num enfoque paradigmático atual, possibilitar, ao aluno, ser sujeito de sua própria educação

e não objeto desta. Essa nova postura docente contempla a responsabilidade com práticas que estimulem os educandos ao exercício constante da alteridade, para que se recrie a cultura da solidariedade, em que o processo compreensivo aconteça não mais pela representação, mas sim pela interação entre os homens.

É interessante expressar o quanto ficam claras, nos estudos realizados, as expectativas da sociedade com relação à escola. Com o passar dos anos a função e a credibilidade das instituições educacionais para julgar ou definir o conhecimento se complexificam, assumindo papéis que ultrapassam ao compromisso com a educação formal de seus alunos.

Apesar das novas demandas, observamos uma escola propícia ao desenvolvimento da razão subjetiva. Contudo, também verificamos que essas demandas adentram as instituições para se transformarem em componentes curriculares, com o propósito de suprir aquilo que as famílias e a sociedade como um todo, já não conseguem atender.

Assim constatamos, com facilidade, que as práticas pedagógicas institucionalizadas estão em acentuado desacordo com as necessidades contemporâneas, resultando no descrédito das propostas educacionais, o que nos leva a questionar sobre quais as reais condições que a escola tem para trabalhar lacunas geralmente advindas da falta de referenciais éticos calcados numa coerente hierarquia de valores formada no seio da sociedade e da família?

A escola não pode se eximir da sua tarefa de oportunizar espaços saudáveis e convidativos a autoconstrução do conhecimento, em que não haja incentivo a competição, ao individualismo ou outras práticas tão familiares ao paradigma da ciência moderna. É preciso, mas do que nunca, aceitar a cultura de cada aluno no sentido lato e antropológico, partindo do princípio de que os conhecimentos estão longe de serem verdades prontas e pré-estabelecidas, mas abertos e receptivos, cujas respostas podemos encontrar no espaço de possibilidades de transformação da realidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L. (org.). **O Sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004.

BARCELOS, Valdo. **Um olhar ecologista da aprendizagem humana - o amor como atitude pedagógica em Humberto Maturana**. In: 30<sup>a</sup> REUNIÃO ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

CASTRO, César Augusto. **Da interdisciplinaridade hipotética de um currículo a um currículo interdisciplinarmente materializado**. In: 30<sup>a</sup> REUNIÃO ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 02 abr. 2009.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus. 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. **Da evolução da concepção de natureza e de homem na ambiência de uma educação ambiental crítica.** In: 31<sup>a</sup> REUNIÃO ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Paradigmas da filosofia e teorias educacionais: novas perspectivas a partir do conceito de cultura.** In: 29<sup>a</sup> REUNIÃO ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 02 abr. 2009.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas.** In: 30<sup>a</sup> REUNIÃO ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

YUS, Rafael. **Educação integral uma educação holística para o século XXI.** Porto Alegre: Artmed, 2002.